

"Considera-se um artista?", pergunta Peter Bogdanovich.

"Não particularmente", responde Alfred Hitchcock.

Adoraríamos não ter de contrariar Alfred Hitchcock mas é mais forte do que nós: há uma geração que está em risco de encontrá-lo mais vezes na galeria do que no cinema. Nos últimos anos, ele fez "cameos", "aparições", no Centre Pompidou, em Paris, e no Museu de Belas-Artes de Montréal ("Hitchcock et l'Art: Coïncidences Fatales", exposição comissariada por Dominique Païni, Guy Cogeval e Nathalie Bondil-Poupard), no Museu de Arte Moderna de Oxford e no Opera City Art Museum de Tóquio ("Notorious: Alfred Hitchcock and Contemporary Art", exposição comissariada por Michael Tarantino, Kerry Brougher e Astrid Bowron). A partir de amanhã faz outro na Solar - Galeria de Arte Cinemática: há todo um festival, o 15º Curtas Vila do Conde, sob influência dele (e não é um festival de cinema, é um festival de artes visuais: ponha-se no seu lugar, sir Alfred Hitchcock!).

Não é o início, é a continuação de uma bela amizade. Há qualquer coisa que os artistas plásticos vêem em Hitchcock e que não vêem em mais ninguém. "Hitchcock tornou-se uma referência-fétiche no campo da arte contemporânea, uma espécie de representante ideal do cinema", escrevia Stéphane Aquin em 2000, a propósito do que vira em "Notorious: Alfred Hitchcock and Contemporary Art": Pierre Huyghe a refazer, cena a cena, o esplendoroso "Janela Indiscreta", Douglas Gordon a esticar os 109 minutos de "Psycho" para 24 horas e Cindy Sherman transformada nas sucessivas heroínas loiras de Hitchcock.

Passaram sete anos e continua a haver artistas sob influência: têm entre 30 e 40 anos e não imaginam a vida sem Hitchcock. Mas estamos na primeira década do século XXI e começamos agora a cruzar-nos com a primeira geração de adultos que vê um bando de pássaros e não pensa imediatamente nele. É assim que começa "Under Hitchcock": com Sílvia Guerra, a comissária da exposição, a cruzar-se com uma miúda de 20 anos e a achar que o mundo pode estar perdido. "Assustei-me quando ela disse: 'Ah, Hitchcock, isso são aqueles filmes antigos de que a minha mãe gosta'. A geração que tem agora 20 anos - a geração pos-celulóide - já não tem contacto com essa obra, e com o tempo talvez Hitchcock se transforme numa referência arqueológica", diz ao Ipsilon.

Hitchcock morto? Seria o fim do mundo tal como o conhecemos - ou pelo menos o fim do imaginário colectivo tal como o conhecemos (este imaginário colectivo em que um chuveiro não é um chuveiro não é um chuveiro). "Filmes como 'Psycho' ou 'Os Pássaros' estão muito presentes no imaginário colectivo, conhecemos ou não Hitchcock. E a figura de Hitchcock também está presente no imaginário colectivo, conhecemos ou não os filmes. Ele foi o primeiro cineasta a construir a sua própria lenda à escala global", argumenta Jean Breschand, autor da instalação "Don't they ever stop migrating?", uma encomenda das Curtas para "Under Hitchcock". Morrer, acrescenta no texto que produziu para a exposição, não é para ele: "Hitchcock é a caixa negra do cinema. É o nome do inconsciente do cinema. É o morto-vivo da arte cinematográfica. Ele volta sempre".

Matthias Müller e Christoph Girardet também voltam sempre - a Vila do Conde e a Hitchcock. "Under Hitchcock" começa, aliás, onde "Notorious" acabava: com dois capítulos de "Phoenix Tapes" ("#2 Burden of Proof" e "#3 Derailed"), série histórica que a dupla produziu para a exposição comissariada por Michael Tarantino.



Hitch

faz uma aparição

O Curtas Vila do Conde começa amanhã com "Under Hitchcock", progrid obsessões dele. Mas há vida para além do maior artista pop do cinema no festiv